

S. SALVADOR.

EPOPEIA HOLANDESA NO BRASIL

Romance
Histórico



O romance do
governador holandês
que mudou a história
do Brasil

JORNADA DOS VASSALOS

Aydano Roriz





Prólogo



raças a bem urdidadas uniões dinásticas, não raro cimentadas pelo ouro dos astecas do México e pela prata das minas de Potosí, no Peru, em menos de um século a Espanha se tornara o império mais poderoso do mundo. Seus domínios espalhavam-se da Europa à Ásia, passando pela África e pelo Novo Mundo.

Em 1581, no mesmo ano em que os portugueses coroaram como seu rei o vizinho rei espanhol, no outro extremo da Europa, sob a liderança da Holanda, algumas ricas possessões espanholas nos Países Baixos proclamaram-se uma república e deram início à guerra pela independência.

Ao amanhecer de 9 de maio de 1624, uma armada de vinte e sete navios da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais invadiu Salvador, capital da província portuguesa do Brasil. Traziam quinhentos canhões e três mil e cem homens, quase todos protestantes ou judeus. Diante de tal poderio bélico,

resistir aos hereges¹ acabou se mostrando inútil. Liderados pelo bispo Dom Marcos Teixeira, o povo fugiu. Ficaram na Cidade da Bahia apenas o governador, sua família, três auxiliares e um morador de idade avançada, que se recusara a partir.

O velho recebeu os invasores à bala e acabou morto. Os holandeses colocaram o governador português e os demais funcionários da Coroa sob custódia, estabeleceram-se na cidade, explicitaram suas intenções e convidaram o povo da Bahia a retornar às suas casas e conviver em paz com eles. Contrariando o bispo, a maioria voltou. Já uns poucos, capitaneados por um espanhol, escolheram combater os holandeses em luta de guerrilha.

1. Termo genérico, depreciativo, usado à época pelos católicos para se referir aos que professavam outras religiões. Em especial, aos protestantes e judeus.



Capítulo 1

Chovera e trovejara à noite. O mar amanheceu de ressaca. Mesmo duplamente ancorado na *Ribeira das Naus*, ao regaço da Baía de Todos os Santos, o *Holanda* marolava muito. À popa, no grande camarote da primeira entrecoberta, Johan van Dorth, o governador da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil, levantou-se de mau humor. Poluição noturna não era coisa que ficasse bem para ele, um fidalgo de trinta e oito anos de idade. Precisava dar um jeito de disfarçar aquela mancha viscosa dos lençóis. Se o grumete que lhe servia de camareiro percebesse a sujeira, da boca de um marujo para outro, a notícia logo se espalharia e acabaria chegando à cidade.

Com um gesto irritadiço, cogitou que fazia quase um ano que não se deitava com uma mulher. Nos primeiros tempos, por não se sentir inclinado a trair sua Louise. Ultimamente, muito mais por falta de alguma circunstância favorável. A bem da verdade, tentações não lhe faltavam. Nas cerimônias públicas, nas audiências privadas, nos passeios pela cidade a pé ou a cavalo, inúmeras vezes percebera jovens senhoras mal-amadas e raparigas casadoiras dirigindo sorrisos provocativos e olhares de malícia para ele. Afora o poder que detinha – e o

poder, digam o que disserem, é mesmo afrodisíaco –, quando se mirava no espelho, Van Dorth não via do que se queixar. A pele clara, bronzada de sol, os cabelos escuros, cacheados à altura do ombro, e o bigodinho fino, emoldurando lábios de bom contorno, compunham a estampa de um homem de muito bom parecer. Um moço bem-nascido, culto, elegante e, ademais, poderoso. Que mulher não se sentiria tentada a lhe conceder seus favores? Não obstante, resistia. No íntimo, não conseguia conciliar a posição de governador do Brasil, de representante de Sua Alteza Maurício de Orange e, quem sabe, de genro do futuro rei de Portugal, com a de um *dom-juan* qualquer. Algo lhe dizia que o desejo das mulheres de atrair admiração não permitiria que uma coisa como aquela fosse mantida em segredo. Daí ter decidido recalcar os instintos, fugir das tentações, abster-se. E o resultado era aquele: polução noturna, aos trinta e oito anos de idade.

Ao servir o desjejum, o grumete estranhou encontrar a cama do governador devidamente arrumada. Mas enfim... Embora costumeiramente gentil em sua formalidade, vez ou outra o tal Senhor de Horst tinha lá os seus rompantes, quando se mostrava de uma frialdade glacial. Hoje parecia ser um daqueles dias, e a experiência ensinara ao rapazinho que o melhor a fazer era manter-se ao longe e de boca fechada. Mesmo assim, não resistiu à vaidade de dar a notícia em primeira mão.

– Vossa Nobreza já soube do galeão espanhol que foi apresado?

– Que história é essa? – inquiriu o jovem fidalgo, numa espécie de surpresa irônica.

– Não sei direito, meu senhor. Acabou de lançar ferros. Ainda há pouco vi o Piet... Digo, o almirante Heyn, subindo a bordo.

Van Dorth correu ao castelo de popa com a sua luneta náutica. Com efeito: em meio às fragatas da armada da WIC¹, havia um galeão ancorado na baía, cercado por chalupas repletas de arcabuzeiros. Teve ímpetos de ir até lá. Conteve-se. Deu uma nova olhada pela luneta. Não viu nada que exigisse a sua presença naquele alvoroço de soldados. Preferiu voltar ao camarote e tomar o seu desjejum calmamente, como de hábito.

Não demorou muito e o rechonchudo Piet Heyn, com um sorriso estampado na sua cara de foca de cavanhaque, veio trazer o relatório.

Partindo de El Callao², nas costas do Pacífico Sul, com destino a Cádiz, no Atlântico Norte, o capitão do galeão espanhol, que desconhecia ter sido a Bahia tomada pelos holandeses, decidira aportar em Salvador para se reabastecer de víveres e água. Na entrada da Baía de Todos os Santos fora interceptado, rendido e apresado pela guarda costeira batava.

– Carregamento de prata? – perguntou Van Dorth, procurando não deixar transparecer demais suas esperanças.

– Muita prata, *Heer*³ – anunciou o baixo e troncudo almirante holandês, coçando o cavanhaque. – Uns cento e cinquenta mil florins!

– Bom. Muito bom. Uma pequena fortuna. E passageiros?

– Pelo que entendi, estavam trazendo o vice-rei do Peru com a família.

1. *West-Indische Compagnie*. Companhia das Índias Ocidentais. Originalmente, em holandês, GWC – *Geoctryeerde Westindische Compagnie*.

2. Principal porto do Vice-Reino do Peru, próximo à cidade de Lima, sede do poder espanhol no continente sul-americano.

3. Senhor, em holandês. Tratamento comumente dado a fidalgos e membros da nobreza.

– *Thans ‘ie!*⁴ – e Van Dorth esboçou o primeiro sorriso do dia. – Quer dizer que temos um vice-rei espanhol em nossas mãos?

– Foi o que entendi, *Heer* – confirmou sorridente o comandante em chefe da frota da *WIC* estacionada na Bahia. – Um velhote bigodudo, muitíssimo do arrogante; uma senhora baixinha e neurastênica, a esposa dele, acho; uma jovem casada com um sujeito de cara bexiguenta; uma morena bonita de ares nostálgicos; e uma porção de criados gentios.

– Ótimo, almirante – animou-se o fidalgo, batendo os punhos sobre a mesa de refeições do grande camarote. – Desarmaste a tripulação e os passageiros, pois não? Não deixes que maltratem ninguém.

– Já cuidei disso, *Heer*. Mandei fornecer água fresca, também. Por via das dúvidas, confisquei as velas do navio e os instrumentos de navegação.

– Fizeste muito bem, senhor Heyn – elogiou o governador, acercando-se do auxiliar e dando-lhe dois tapinhas camaradas no ombro, para encerrar a conversa. – Mantenha-os sob vigilância. Deixemos o tal vice-rei afligir-se um pouco para abaixar a crista. Por volta das três da tarde, leve todos a me visitar em terra, na *Casa do Governo*.

4. Interjeição holandesa equivalente a “ora essa!”.



Capítulo 2

D 6 de dezembro de 1624 seria lembrado por muito tempo pelo povo de São Salvador da Bahia. Quando saíram à rua naquela manhã, encontraram nas principais esquinas um cartaz convidando-os para uma reunião, às sete horas da noite, na *Praia*. Pedia-se a todos que levassem os filhos. Na Vila Holandesa, o bairro novo onde haviam sido construídas casas para os negros alforriados, eram as crianças que tentavam interpretar aqueles escritos para os mais velhos.

As especulações corriam à solta. Naquele ano, o 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, iria cair num domingo. Como os julgamentos públicos e execuções de sentenças aconteciam sempre nas manhãs do dia de descanso, havia quem defendesse que os holandeses, com medo de Nossa Senhora, estariam antecipando as costumeiras seções de castigo para a noite da sexta-feira.

– Mais um dos absurdos desses hereges – comentou no refeitório o padre António de Matos, provincial dos jesuítas, emprestando à voz um certo tom de desdém. – Sexta-feira é *dia magro*; não se pode nem comer carne, que dirá enforcar *gentes*!

– Mas se é para os enforcamentos, por que na *Praia* e não na praça?

– Hum!... Só Deus Nosso Senhor sabe o que se passa na cabeça desses apóstatas – completou em tom sardônico o prelado, entre uma colherada e outra do seu mingau. – Vai ver, inventaram um novo tipo de execução.

– Não é de duvidar – ajuntou o padre Jerônimo Peixoto, um velho pregador jesuíta tido por aluado. – Em 1555, os huguenotes¹ franceses invadiram o Rio de Janeiro. Foi preciso correr muito sangue para tirá-los de lá. Em 1598, os calvinistas holandeses atacaram Santos e, no ano seguinte, o Rio de Janeiro e a Bahia. Eu cá já estava. Eu vi a miséria que esses desgraçados aprontaram!... Essa história de pedir a presença dos *miúdos* me cheira a alguma maldade.

Durante todo o dia era intensa a movimentação de barcos que iam e vinham dos navios para o cais. Na *Praia*, as antigas tendas, que seis meses antes haviam servido de refeitório para os escravos recém-libertados pelos holandeses, voltavam a ser remontadas. À frente dos trapiches da Companhia, um palanque de madeira estava sendo armado.

Antes das sete da noite, as escadarias que ligavam a cidade alta à cidade baixa, e as ribanceiras em volta, já estavam apinhadas de gente. Era noite de lua minguante e o zum-zum-zum do povaréu encobria a movimentação no mar. Súbito, precedido de um longo assobio, explodiu no céu uma chuva de fagulhas coloridas, que corriam para o alto e depois caíam zunindo com um som agudo; outras vezes formavam rodas de fogo que pipocavam em cúpulas de luz; ou deixavam caudas incandescentes e arabescos graciosos, que estouravam em

1. Termo depreciativo dado pelos católicos aos protestantes franceses.

chispas multicores a cada evolução. O medo fingido, a alegre expectativa e a beleza da cena colocara as pessoas todas de cabeças voltadas para o alto, envolvidas em um não sei quê de encantamento infantil.

O espetáculo pirotécnico demorou um bom quarto de hora, ao tempo em que archotes eram acesos na praia. Logo, o rataplã dos tambores, o fanfarrar das cornetas e os fi-fi-ri-fi-fi dos gaiteiros, finalmente, chamaram a atenção para um homem corpulento, de longas barbas brancas, todo vestido de vermelho, com trajes que lembravam os de um bispo. Estava cercado de duas dúzias ou mais de grumetes fantasiados como pajens, carregando grandes sacos às costas. Montado num burrico, com um sorriso de bonomia estampado na cara, Francis Duchs – o velho marujo que participara do ataque pirata de 1599 e, mantido preso por vários anos em Salvador, aprendera a falar português – gritava com o seu sotaque carregado:

– Crianças, crianças... Venham, crianças, *Sinterklaas*² trouxe doces e guloseimas. Venham, crianças! Hoje é dia de *Sinterklaas*.

Não foi preciso insistir muito. A meninada desgrudou-se dos pais, correu para a praia e, com enorme algazarra, de mãos estendidas, logo cercou “o bispo”.

– Calma, crianças. Calma! *Sinterklaas* tem doces para todos... – repetia o *barba de alvaiade* montado no burrico, divertindo-se com o inusitado da situação.

2. São Nicolau, em holandês. *Sinterklaas* deturpou-se na América do Norte em *Santa Claus*, o brasileiro Papai Noel.

Aquele era o dia de São Nicolau, padroeiro dos marinhos, e o governador holandês da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil não queria deixar a data passar em branco. É verdade que a Holanda e as demais Províncias Unidas eram predominantemente de fé calvinista. Mesmo assim, a tradição de comemorar o dia de São Nicolau sobrevivera à Reforma³. E foi Van Dorth que, subindo ao palanque e refreando a algazarra com gestos de mãos, contou:

– Este *Sinterklaas*, minhas senhoras e meus senhores, é uma alegoria do mesmíssimo São Nicolau da Igreja Católica Romana – falou em tom pausado, passeando o olhar pela assistência. – Um bispo que, no terceiro século da era cristã, celebrou-se por sua grande bondade e carinho para com as crianças. Por conta disso, deu origem a muitas lendas e manifestações. Seis de dezembro é o dia dele; o dia de São Nicolau. Há séculos e séculos, essa festa é repetida em muitas partes da Europa e sobretudo na Holanda. Lá, nos Países Baixos, nesta noite de seis de dezembro, é costume as famílias se reunirem para uma ceia especial, alguém se fantasiar de *Sinterklaas* e distribuir presentes para os meninos e as meninas que se comportaram bem durante o ano.

Alguém na plateia fez um comentário espirituoso sobre o comportamento das crianças e muitos deram risadas.

– Cá na Bahia, este ano, por ser a primeira vez – continuou o governador, acercando-se e pondo a mão no ombro do *Sinterklaas* que subira ao tablado –, a Companhia das Índias Ocidentais está promovendo a festa. Não é uma festa religiosa. É

3. Movimento religioso capitaneado por Lutero, Calvino e outros, que rompeu com a Igreja Católica Romana, originando igrejas cristãs dissidentes.

uma festa popular. Uma festa popular e não uma manifestação de fé, repito. Não tem nada a ver com religião. E já que é uma festa popular, logo mais, nos toldos ali armados, vamos servir gratuitamente bebidas e petiscos para todos. Enquanto isso, quero que os meninos e as meninas organizem uma fila cá em frente ao palanque. A *WIC* vai dar de prenda a todos eles, pelas mãos do *Sinterklaas*, um par de alparcatas.

No meio da multidão que, alargando os cotovelos, se tinha avizinhado do palanque, um negro sorriu orgulhoso. Antigo escravo e aprendiz de Manuel Sapatinha, o *Remendão*, tão logo entendera as implicações da recém-conquistada liberdade, Januário resolvera montar sua própria tenda de sapateiro. O começo fora muito difícil. Desanimador mesmo. Sua freguesia limitava-se a um ou outro negro, disposto a pagar alguns cobres pelo conserto de um chinelo velho ou um arreio de animal. Para ajudar a manter a família, a mulher ingressara numa das frentes de trabalho da Companhia como tratadora de peixe. Por conta disso, volta e meia Januário era motivo de chacota. Entre outras malícias, dizia-se dele ter abandonado o antigo senhor para morrer de fome por conta própria.

Coisa de um mês atrás, no entanto, num final de tarde, entrara-lhe na tenda aquele moço bonito, de bigodinho fino, cabelos cacheados à altura dos ombros e pose fidalga. O preço foi acertado, os couros foram fornecidos e o *Remendão* pôs-se a trabalhar. A encomenda do governador era de alparcatas para crianças, de feitio simples e três tamanhos diferentes. Logo, porém, Januário percebeu que não iria dar conta do serviço. Tratou de contratar mão de obra para os processos que não requeriam a sua arte. Dispôs-se a pagar até o dobro do que era pago nas frentes de trabalho. Por conta da cupidez, outros negros resolveram correr o risco de se juntar a ele, e a encomenda fora entregue no prazo.

– Vamos lá! Ponham-se em fila – continuava Van Dorth, do alto do tablado armado na *Praia* –, ponham-se em fila, crianças. Não precisa de correria. Cada uma vai ganhar o seu par de alparcatas. E alparcatas muito bem-feitas, ali pelo mestre Januário.

Logo Francis Duchs, o bispo de barba de alvaiade, começou a distribuição e Van Dorth finalizou:

– Bem... Era isso. Muito obrigado por sua atenção, divirtam-se e um feliz *Sinterklaas* para todos.

A bandinha voltou a tocar, as pessoas avançaram nas bebidas e petiscos, alguns holandeses animaram-se a ensaiar passos de uma dança de marinheiros, negras entraram na roda, moças e moços da cidade resistiram um pouco, mas acabaram dançando, e a *Praia* virou palco de festa. Festa animada.

Vendo na alegria do povo a porta de entrada para manifestações do diabo, os padres, monges, noviços e papa-hóstias em geral, para quem todo prazer parece uma falta, retiraram-se. Dom Francisco Sarmiento, o tal vice-rei do Peru, que havia chegado dias antes com a família e estava sob custódia em casa do major Allert Schouten, ensaiou seguir os padres. A filha mais velha insurgiu-se:

– *Id vosotros* – deliberou a morena de ares nostálgicos, continuando em espanhol: – Eu fico cá mais um pouco.

O velho franziu o cenho bigodudo e, com olhar severo, pediu providências à esposa. Dona Valentina, a senhora baixinha e neurastênica, remexeu os olhos e os lábios murchos num gesto impotente. Guadalupe, a jovem recém-casada com o moço de cara bexiguenta, brincou com o bandó dos cabelos, dirigin-

do ares piedosos para a irmã. Matilda tranquilizou todos com um sorriso triste e insistiu:

– Não vos preocupeis. As *gentes* cá são ordeiras. Entreter-me um pouco não me faria mal. *Id vosotros*. Deixai a Concetta comigo.

Concetta, a fiel criada inca, avisou quando *los señores* tinham acabado de desaparecer no alto dos íngremes degraus que levavam à cidade. Tamborilando de leve a mão à roda das saias ao ritmo da música, Matilda foi caminhando displicentemente na direção do governador.

Sozinho, meio escondido à sombra do palanque, Van Dorth carregava no rosto aquele sorriso, apenas esboçado, dos que se sentem felizes em distribuir felicidade. Observar o contentamento das crianças, ao receberem as alparcatas das mãos de *Sinterklaas*, mexera com os seus sentimentos. Fizera com que se sentisse um pouco emotivo, orgulhoso de si, agradavelmente fragilizado.

– *Buenas tardes* – atalhou-lhe o devaneio a morena de ares nostálgicos.

– *Ah! Mis saludos, señorita* – surpreendeu-se o holandês, descruzando os braços e voltando-se para a recém-chegada.

– *Señora* – corrigiu Matilda, contraindo os lábios num arremedo de pesar. – Sou viúva.

– Lamento. Desconhecia – desculpou-se, embaraçado. – E o senhor vosso pai... a vossa família?

– *Ya se fueron a dormir* – esboçou um sorriso. – Fiquei mais um pouco. Gostaria de conversar a sós convosco. *Estoy molestando?*